



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/09/2025 e 25/09/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>19/09/2025</b>	10,25	282,90	50,03	5,22	4,24
<b>22/09/2025</b>	10,11	278,90	49,17	5,10	4,21
<b>23/09/2025</b>	10,12	275,10	49,35	5,20	4,26
<b>24/09/2025</b>	10,09	271,70	49,29	5,19	4,24
<b>25/09/2025</b>	10,12	268,60	49,74	5,27	4,25
<b>Média</b>	<b>10,14</b>	<b>275,44</b>	<b>49,52</b>	<b>5,20</b>	<b>4,24</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Nonoai	<b>119,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>119,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>117,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>113,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>SC</b>	
MS – Maracaju	<b>123,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>116,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>118,50</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>65,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>67,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>SC</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>60,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>64,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>52,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>56,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>SC</b>	
MS – Maracaju	<b>53,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>58,00</b>	
SP – Campinas	<b>64,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>52,00</b>	
GO – Jataí	<b>52,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Nonoai	<b>66,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>66,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>69,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>67,00</b>	

Período: 24/09/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 25/09/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	<b>61,53</b>	<b>123,25</b>	<b>67,50</b>

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
25/09/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>61,83</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>137,50</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>52,00***</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>6,23</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,49**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>10,45</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Junho/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

Pressionadas pela decisão da Argentina em retirar os impostos de exportação sobre a soja e derivados, as cotações em Chicago recuaram nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (25) em US\$ 10,12/bushel, após ter atingido a US\$ 10,09 na véspera, e contra US\$ 10,37 uma semana antes.

Enquanto isso, a colheita da soja nos EUA chegou a 9% da área até o dia 21/09, ficando dentro da média histórica. 61% das lavouras de soja estavam em boas ou excelentes condições, contra 70% do ano passado, 27% estavam regulares e 12% ruins ou muito ruins.

Entretanto, a principal notícia da semana, anunciada na manhã de segunda-feira (22), veio da Argentina, com o governo local zerando o imposto de exportação (as retenciones) para os grãos e derivados até o dia 31 de outubro. A medida não estava prevista e inclui todos os produtos agrícolas argentinos para exportação diante da grave crise de liquidez enfrentada pelo vizinho país. Com isso, aumentaram as vendas argentinas de soja e outros grãos, provocando um recuo nas cotações em Chicago e nos preços brasileiros, incluindo o valor dos prêmios no Brasil.

Segundo fontes locais, a Argentina tem estoques de, aproximadamente, 20 milhões de toneladas de soja e 12 milhões de toneladas de milho ainda a serem comercializadas, o que a torna consideravelmente competitiva no mercado internacional, sobretudo de soja. No trigo, o volume é de cerca de nove milhões de toneladas.

Diante deste fato, os chineses rapidamente compraram mais soja argentina, diminuindo a pressão sobre a soja brasileira e derrubando os prêmios por aqui. Em dois dias os chineses compraram 1,3 milhão de toneladas de soja do vizinho país. Para os chineses, a soja dos EUA, diante das tarifas de importação impostas em represália à política comercial de Trump, está proibitiva, com o país asiático praticamente ainda não comprando produto estadunidense. Do que foi comprado da Argentina, a maioria é para embarque em novembro e cerca de 20% são para embarque no próximo ano, já da nova safra argentina que será colhida a partir de abril. Segundo os chineses, sem um acordo em torno do tarifaço de Trump, haverá poucas compras de soja dos EUA.

Em princípio, os impostos de exportação zerados na Argentina deveriam vigorar até o dia 31 de outubro. Todavia, com as fortes vendas dos produtores locais a partir desta decisão (em dois dias US\$ 7 bilhões foram negociados), o governo Milei voltou atrás e restabeleceu as retenciones já na quarta-feira, 24/09 (o plano previa que a isenção vigorasse até o fim de outubro ou até que as exportações somassem US\$ 7 bilhões. Ora, esse teto foi alcançado em apenas dois dias).

Mas o estrago nos prêmios brasileiros foi feito. Houve baixa ao redor de 30 centavos de dólar por bushel para outubro/25, 20 centavos para novembro e 10 centavos para fevereiro/26. Além disso, houve recuo do dólar diante da possibilidade de uma reunião entre Lula e Trump, na próxima semana, para discutirem o tarifaço imposto pelos EUA. A moeda estadunidense chegou a cair abaixo de R\$ 5,30. Esse conjunto de fatos, derrubou os preços da soja no país. A média gaúcha veio para R\$ 123,25/saco, enquanto as principais praças locais voltaram ao patamar de R\$ 119,00. Já no restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 113,00 e R\$ 123,00/saco nas principais praças.

Assim, os três elementos centrais que formam o preço da soja no Brasil (Chicago, câmbio e prêmios) recuaram neste final de setembro. Em algumas localidades nacionais as perdas chegaram até R\$ 5,00/saco em relação à semana anterior.

Tudo indica que o movimento seja temporário, porém, os fundamentos do mercado continuam baixistas.

Dito isso, o plantio da nova safra de soja chegou a 0,9% no país até o dia 18/09 (cf. AgRural), sendo que no Paraná o mesmo atingiu a 13%. Por enquanto, a nova safra de soja nacional está estimada entre 178 e 182 milhões de toneladas em clima normal. O problema é que a meteorologia volta a falar da possibilidade do fenômeno La Niña, que gera seca no Centro-Sul brasileiro, para nossa primavera/verão. A questão é verificar se o mesmo se confirmará e em que intensidade.

Enfim, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), em levantamento sobre a Capacidade Instalada das Indústrias de Óleos Vegetais no país, em 2025, indicou que a capacidade total de processamento de oleaginosas no Brasil atingiu a 76,4 milhões de toneladas neste ano, com um crescimento de 5,7% em relação a 2024. Ainda em comparação ao ano anterior, o número de empresas de processamento subiu de 67 para 75, o que representa crescimento de 11,9%, e as unidades industriais passaram de 132 para 144. O total de plantas ativas cresceu de 113 para 127, com avanço de 12,4%, enquanto as unidades paradas caíram de 19 para 17. Já a capacidade diária total de processamento alcançou 231.566 toneladas, alta de 5,7%. A capacidade em plantas ativas foi de 219.842 toneladas por dia, crescimento de 7,3%, enquanto em plantas paradas ficou em 11.724 toneladas por dia, queda de 17,9%. O Centro-Oeste segue como destaque, sendo responsável por 44,4% da capacidade nacional de processamento. A região aumentou de 92.790 toneladas por dia, em 2023, para 102.705 toneladas/dia neste ano. Mato Grosso lidera entre os estados, com 53.767 toneladas/dia, respondendo por 23% da capacidade de processamento do país. Por outro lado, o número de empresas de refino cresceu para 38, com aumento de 15,2%, com avanço de unidades industriais de 57 para 63. O total de plantas ativas passou para 57, com um salto de 21,3%, enquanto as paradas caíram para 6. A capacidade de refino em plantas ativas subiu 16,7%, chegando a 24.396 toneladas/dia, enquanto a capacidade total alcançou 25.769 toneladas/dia, alta de 10,4%. Já o envase apresentou crescimento de 8,3%, atingindo 14.814 toneladas/dia. A capacidade em plantas ativas aumentou 8,5%, alcançando 13.864 toneladas/dia, e em plantas paradas avançou 5,6%, chegando a 950 toneladas/dia. Enfim, os investimentos projetados para os próximos 12 meses somam R\$ 5,9 bilhões, o que deve gerar uma expansão estimada de 18.850 toneladas/dia na capacidade instalada. Considerando a média dos aportes, a ampliação de 15.049 toneladas/dia em plantas ativas em 2025 representa um investimento próximo de R\$ 4,5 bilhões.

## MERCADO DO MILHO

Em Chicago, as cotações do milho iniciaram uma recuperação na terceira semana de setembro, com a mesma continuando neste final de mês. A melhor cotação dos primeiros 25 dias do mês atingiu a US\$ 4,29/bushel no dia 16/09, enquanto a pior cotação, no mês, foi alcançada nos dias 03 e 10, ambos com US\$ 3,97/bushel. Por sua vez, o fechamento do dia 25/09 (quinta-feira) acabou ficando em US\$ 4,25/bushel, se

estabelecendo mais próximo das máximas do mês, contra US\$ 4,23 uma semana antes.

Por outro lado, a área colhida com milho, nos EUA, atingiu a 11% do total no dia 21/09, ficando dentro da média histórica. Naquela data, 66% das lavouras ainda a colher estavam em condições entre boas a excelentes, 24% regulares e 10% ruins a muito ruins.

E no Brasil, os preços do milho indicam um viés de alta, porém, ainda muito fraco. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 61,53/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram entre R\$ 59,00 e R\$ 60,00. Já no restante do país, as principais praças trabalharam com valores entre R\$ 52,00 e R\$ 64,00/saco.

Com a colheita nacional da safrinha encerrada, o mercado se volta ao plantio da nova safra de verão do cereal. Neste sentido, segundo a Conab, até o dia 20/09 a semeadura atingia a 20,8% da área esperada no país, contra a média de 18,2% nos últimos cinco anos. O estado com trabalhos mais adiantados era o Rio Grande do Sul, com 66%, seguido por Paraná (44%) e Santa Catarina (35%). Enquanto a cigarrinha começa a atingir as lavouras gaúchas, no Paraná a redução das chuvas no Norte deste Estado impedia o avanço da área semeada, levando algumas áreas a apresentar sinais de déficit hídrico, apesar da maioria das lavouras apresentar bom desenvolvimento inicial. Em Santa Catarina, o plantio avança no Extremo-Oeste com condições climáticas favoráveis ajudando a cultura em todos os estádios de desenvolvimento. Espera-se uma safra total nacional no verão entre 25 e 26 milhões de toneladas do cereal.

Especificamente no Centro-Sul brasileiro, até o dia 18/09, o plantio chegava a 25% da área esperada (cf. AgRural).

Por sua vez, a comercialização do milho segue lenta no país, pois o produtor espera melhores preços. Analistas privados calculam que a atual safrinha tenha sido comercializada em 56% de seu total no país, contra a média de pelo menos 60%. Calcula-se ainda que do total colhido no país (três safras), cerca de 59 milhões de toneladas de milho estariam ainda em mãos dos produtores rurais (cf. Brandalizze Consulting). No Mato Grosso, 68% da safrinha de 2025 estaria negociada e 15% da safrinha 2026 vendidos antecipadamente no início da presente semana.

Enfim, as exportações brasileiras de milho, nos 15 primeiros dias úteis de setembro, atingiram a 4,7 milhões de toneladas, com a média diária superando em 3,1% a média do mesmo mês do ano passado. Por enquanto, o milho brasileiro continua mais caro do que o dos concorrentes, o que dificulta às exportações. Mesmo assim, espera-se exportações ao redor de 40 milhões de toneladas em 2025, porém, o país precisaria exportar 55 milhões para aliviar seus estoques.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a recuar nesta semana, com o bushel do cereal chegando a US\$ 5,10 no dia 22/09. Nos primeiros 25 dias de setembro, a melhor cotação ocorreu no dia 16/09, quando o bushel atingiu a US\$ 5,34, enquanto a pior

cotação foi registrada no dia 10/09 quando o bushel veio a US\$ 4,95. Já o fechamento desta quinta-feira (25) registrou recuperação, com o mesmo atingindo a US\$ 5,27/bushel, contra US\$ 5,24 uma semana antes.

Em paralelo, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 20% da área esperada no dia 21/09, contra 23% na média histórica. Já a colheita do trigo de primavera chegava a 96% da área na mesma data, ficando exatamente na média histórica.

Enquanto isso, na Europa a associação comercial de grãos Coceral elevou sua estimativa para a produção de trigo macio na União Europeia e na Grã-Bretanha, neste ano, para uma máxima de 10 anos, podendo chegar a 147,4 milhões de toneladas. A nova estimativa ficou 17% acima do volume do ano passado, quando fortes chuvas reduziram o plantio e a produção na Europa Ocidental. A revisão para cima deveu-se principalmente ao aumento das estimativas para as safras deste ano na França, Alemanha, Polônia e sudeste da Europa, após um clima favorável e rendimentos de colheita melhores do que o esperado. Portanto, espera-se que a União Europeia produza 135,4 milhões de toneladas e o Reino Unido um total de 11,9 milhões de toneladas.

E aqui no Brasil, com a colheita da nova safra avançando, os preços do cereal recuam. O produto de qualidade superior fechou a semana, no Rio Grande do Sul, na média de R\$ 67,50/saco, enquanto as principais praças locais praticaram R\$ 66,00. Já no Paraná, os valores giraram entre R\$ 67,00 e R\$ 69,00/saco. Em relação à colheita, até o dia 13/09, a mesma atingia a 13,8% no país, sendo que em Goiás chegava a 95%, em Minas Gerais 94%, no Mato Grosso do Sul 82%, em São Paulo 20% e no Paraná 12%. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina a colheita ainda não havia começado.

Soma-se a isso a forte importação do cereal neste ano. A Argentina, o maior exportador de trigo ao Brasil, já vinha dominando o mercado brasileiro em 2025. De janeiro a agosto o volume importado do país vizinho somou 3,66 milhões de toneladas, de um total de 4,68 milhões de toneladas de todas as origens. O volume importado da Argentina, pelo Brasil, cresceu 24% ante o mesmo período do ano passado, atingindo o maior patamar anual até agosto desde 2021. Isso deve aumentar devido o governo Milei ter reduzido o imposto de exportação sobre o cereal. Assim, a pressão da colheita e as decisões na Argentina devem levar os preços nacionais ainda para baixo. Afinal, a retirada momentânea do imposto de exportação sobre o trigo argentino, que era de 9,5%, tornou ainda mais competitivo o produto do vizinho país. Mesmo com a retomada do imposto, o mercado tritícola se fragilizou. No Paraná, os preços do cereal recuaram mais de 9% no acumulado do mês, para R\$ 1.275,00/tonelada (cf. Cepea).

Dito isso, o Paraná já havia colhido 41% de sua área de trigo até o início da presente semana, enquanto no Rio Grande do Sul o processo ainda não iniciou, sendo que 22% das lavouras estavam na fase de enchimento de grãos no dia 18/09, contra 39% na média. Já em São Paulo, espera-se um colheita final ao redor de 350.000 toneladas, com produtividade média de 4.000 quilos/hectare neste ano.